

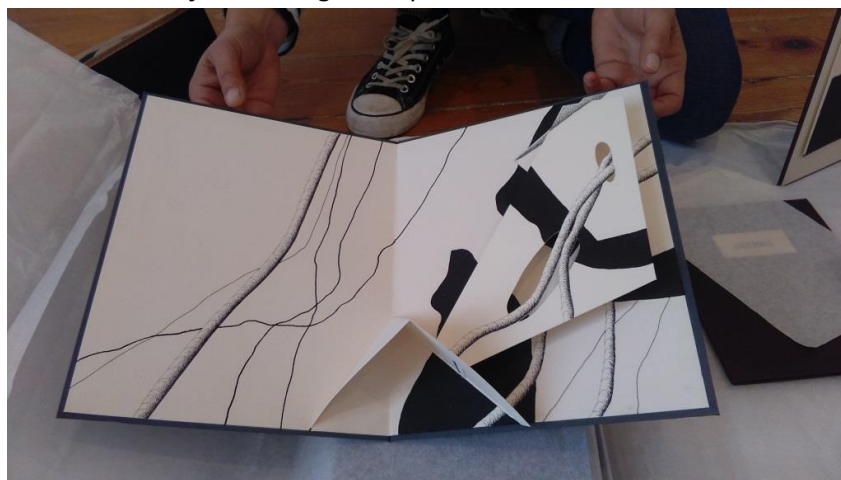
Artefactos factícios, estes livros/elementos desta Biblioteca Natural fazem parte de um mundo hipostático construído por uma personagem-autora. A exploração continuada da fina (?) membrana que separa o dentro do fora, o eu e o outro, o humano e o não-humano, a investigação das tensões exoráveis que atribuímos às dualidades natural/artificial e ideia/forma suscitam a suspeita de que não há nada que tenha nome ou representação que não tenha já sido domesticado pela força combinada das nossas imaginações. O armário e o vestido, o que guarda e o que reveste, são também as nossas ferramentas de contacto. Através deles definimos a nossa forma e o seu negativo. Abri-los, despi-los, é também interiorizar o que está fora. O livro é absorvente.<sup>1</sup>

O desenho que é a matriz.

O espaço da *Quase Galeria* preenche-se com os desenhos instalados - “quase” na íntegra – da exposição intitulada *Caixa de Desenho*.

A presença da obra da artista no Porto, em abril e até finais de maio de 2017, estende-se ao Museu Nacional de Soares dos Reis, mediante a incorporação provisória na Sala de Aurélia de Sousa, de *Biblioteca no Museu II*. Aí, as peças concebidas pela desenhista podem ser analisadas, na qualidade de “quase relíquias” dentro de uma vitrina antiga, mobiliário usada muitas décadas atrás para expografias em Museus nacionais. Esta vitrina divide-se, apresentando divisões em simetria inclinada, onde se anicham elementos de desenho minuciosos e exíguos de excesso. À distância, mantêm-se as subtilezas rigorosas do detalhe e da arqueologia, dirigindo a excelência do desenho.

As obras guardadas na vitrina antiga reverberam efabulações tratadas a partir do estudo acurado, da pesquisa insaciada e das condições de exigência que a artista se coloca no terreno.



Na Sala de pintura onde se mostram artistas dos inícios do século XX, os desenhos-estudos de Catarina Leitão, saem dos livros organizados nas estantes pintadas no quadro *O vestido Verde*, da pintora portuguesa, cujos 150 anos de nascimento se comemoraram em 2016, tendo por essa ocasião a tela sido adquirida para a Coleção do MNSR. Também se acompanha das cenas de interior, autoria de Sofia de Sousa ou, ainda da representação da mulher do pintor Artur Loureiro, que foi retratada na sua condição de pintora, ainda que quase desconhecida essa sua prática. Curiosa portanto esta transposição de tempos, onde a assunção da artisticidade, cumprida pela mulher artista se impõe, sem que se senão como sendo ARTE.

<sup>1</sup> Este texto foi escrito por alguém entre o José Roseira e a Catarina Leitão, em Março de 2016 in <http://www.catarinaleitao.net/Biblioteca-Natural-Texto> (consulta a 19 abril 2017)



Entre alguma invisibilidade de razões conducentes, na ordem de problemáticas societárias - tanto quanto estéticas - o nomadismo, por vezes, parece determinar as sinuosidades labirínticas de alguns desenhos, as formulações arquetípicas de outros – consignadas ou subsumidas à tradição do desenho científico, encontram destino conseqüente na *Biblioteca Natural II* que se instala no Museu. A Biblioteca no Museu... diria eu...feita de desenho, feita de natureza que, em espiral, decifra o atravessamento do espaço e do tempo, guardando-os como relíquias, detalhes, lembrando Daniel Arasse.

Os livros de artistas aconchegam os desenhos, outorgando-lhe uma tridimensionalidade inesperada mas quieta. A tranquilidade das formas que se sabem a existir no contorno, no recorte e no delineamento certos, transitam pelo nosso olhar surpreendido, quase incrédulo perante uma beleza que é, simultaneamente, perturbante – como talvez seja toda beleza, desde que os gregos lhe conferiram o dom da inquietude e do *pathos*. Talvez seja estranho, irregular, o facto de sedentarizar numa mesma obra que é um livro, essa dupla vivência consignada em tormentos de sublimidade e agrado ao gosto. As referências conduzem-nos ao espanto que nos é familiar, ao lembrar os livros de infância que se desprendiam da superfície lisa, irrompendo em meio do nosso riso ou talvez insinuando o medo.

“A paisagem em volta esvaziada de sentido, reflectindo-se nos meus olhos, brotava dentro de mim...”<sup>2</sup>

Maria de Fátima Lambert

**CATARINA LEITÃO:** Licenciada em Artes Plásticas - Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa (1993). Completou o Mestrado MFA Combined Media, na Hunter College City University of New York, em Nova Iorque, no ano de 2000. Os processos de construção, de adaptabilidade, de hibridismo são pontos chave da sua obra. Entre o bidimensional e o tridimensional, o artificial e o natural, o montar e desmontar, a sua visão espacial sustém uma linguagem da escultura com recurso à instalação, desenho e ilustração. No seu percurso conta com diversas publicações e livros de artista. Tem exposto o seu trabalho em locais como a Galeria Carlos Carvalho, MoMA, Aldrich Museum, Connecticut, Socrates Sculpture Park, Wavehill, Glyndor Gallery and Grounds, Andrea Rosen Gallery, Michael Steinberg, Galeria Pedro Cera e Bronx Museum. Conta com exposições individuais na colecção Berardo e no CAMJAP da Fundação Calouste Gulbenkian.

<http://catarinaleitao.net/>



<sup>2</sup> Yukio Mishima, *O templo dourado*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1985, p.149